

PLANO DE AULA

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
 DEPARTAMENTO DE INFÂNCIA E JUVENTUDE
 SETOR DE PLANEJAMENTO
 PLANO DE AULA N.º 2
 1º CICLO DE JUVENTUDE (USA 17 ANOS)

VINIDADE: O ESPIRITISMO

SUBUNIDADE: IDÉIAS ESPIRITUALISTAS DA ANTIGUIDADE

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES DO EVANGELIZADOR	ATIVIDADES DO EVANGELIZANDO	TÉCNICAS / RECURSOS
<ul style="list-style-type: none"> * Enumerar as principais idéias espiritualistas que antecederam à Revelação Espírita. * Analisar a maneira como essas idéias foram manifestadas pelos povos do passado. 	<ul style="list-style-type: none"> * Não existem povos totalmente materialistas. As idéias espiritualistas estão presentes em todas as civilizações. * Entre os principais povos do passado, os egípcios, os hindus, os gregos, os gauleses e os hebreus cultivavam, sem dúvida, as idéias da existência da divindade, da alma e de sua sobrevivência e da justiça divina. * O que caracterizava o culto dessas crenças era a existência de um colégio secreto, destinado aos iniciados, e de um culto fantástico e exterior, disfarçado alguns de seus principais, pois o povo não era considerado digno de recebê-los na íntegra. 	<ul style="list-style-type: none"> * Iniciar a aula lembrando o conceito de Espiritualismo estudado na aula anterior * A seguir perguntar: <ul style="list-style-type: none"> — Os povos da antiguidade idólatravam objetos, animais, fenômenos da natureza etc.... Eles eram materialistas ou espiritualistas? — Existia algum povo totalmente materialista? * Ouvir as respostas incentivando a participação de todos. * A seguir realizar uma exposição participativa com o auxílio de retro-projetor e transparências. (Anexo 1) * Solicitar a um evangelizando que enumere as principais idéias espiritualistas apresentadas. * Propor, a seguir, um estudo em grupo que será realizado utilizando a técnica do <i>Jornal Fala-fala</i>. Anexo 2 	<ul style="list-style-type: none"> * Participar da recordação dos conceitos de Espiritualismo. * Responder às perguntas feitas pelo evangelizador. 	<p>TÉCNICAS</p> <ul style="list-style-type: none"> * Exposição participativa. * Estudo em grupo. <p>RECURSOS</p> <ul style="list-style-type: none"> * Perguntas incentivadoras. * Texto para o jornal falado (estudo em grupo). * Papel, lápis etc. . . * Subsídios para o evangelizador

AValiação: A AULA SERÁ CONSIDERADA SATISFATORIA SE OS EVANGELIZANDOS PARTICIPAREM, ATIVA E INTERESSADAMENTE DAS ATIVIDADES, ANALISANDO AS IDEIAS ESPIRITUALISTAS DA ANTIGUIDADE.

CONT. DO PLANO DE AULA Nº. 2 DA V UNIDADE: O ESPIRITISMO

1º CICLO DE JUVENTUDE

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES DO EVANGELIZADOR	ATIVIDADES DO EVANGELIZANDO	TÉCNICAS / RECURSOS
	<p>Também os povos selvagens e primitivos as têm cultivado desde muito, e entre os incas, astecas e maias, habitantes primitivos da América, encontramos idéias semelhantes às dos europeus e orientais.</p>	<p>* Explicar a técnica, dividir os alunos em grupos e distribuir o material para pesquisa que pode ser cópia dos anexos ou os livros textos constantes da bibliografia. Anexo 3 – subsídios para o evangelizando.</p> <p>* Solicitar que, no jornal falado, enumerem e analisem as principais idéias religiosas dos povos da antiguidade.</p> <p>* Ao final, coordenar as apresentações de modo que cada grupo aborde um item do estudo.</p> <p>* Encerrar a aula comentando as apresentações e perguntando: — Quais as principais idéias espiritualistas cultivadas por esses povos? — O que se deve entender por doutrina secreta? — Nessa época já existia alguma idéia professada hoje pelo espiritismo?</p> <p>* Ouvir as respostas comentando-as e dirimindo dúvidas.</p>	<p>* Dividir-se em grupos, receber o material para consulta e realizar o trabalho, analisando as formas espiritualistas cultuadas pelos povos do passado.</p> <p>* Realizar a apresentação do Jornal Falado.</p> <p>* Apresentar as conclusões do grupo.</p> <p>* Responder as perguntas feitas pelo evangelizador, concluindo o estudo do tema.</p> <p>* Fazer perguntas e ou emitir opiniões.</p>	

ANEXO 1

V UNIDADE: O ESPIRITISMO
Iº CICLO DE JUVENTUDE
PLANO DE AULA Nº. 2
SUBSÍDIOS PARA O EVANGELIZADOR

Idéias religiosas da Antiguidade

As Religiões A Doutrina Secreta

Quando se lança um golpe de vista sobre o passado, quando se evoca a recordação das religiões desaparecidas, das crenças extintas, apodera-se de nós uma espécie de vertigem ante o aspecto das sinuosidades percorridas pelo pensamento humano. Lenta é sua marcha. Parece, a princípio, comprazer-se nas criptas sombrias da Índia, nos templos subterrâneos do Egito, nas catacumbas de Roma, na meia-luz das catedrais; parece preferir os lugares escuros à atmosfera pesada das escolas, o silêncio dos claustros às claridades do céu, aos livres espaços, em uma palavra, ao estudo da Natureza.

Um primeiro exame, uma comparação superficial das crenças e das superstições do passado conduz inevitavelmente à dúvida. Mas, levantando-se o véu exterior e brilhante que ocultava às massas os grandes mistérios, penetrando-se nos santuários da idéia religiosa, achamo-nos em presença de um fato de alcance considerável. As formas materiais, as cerimônias extravagantes dos cultos tinham por fim chocar a imaginação do povo. Por trás desses véus, as religiões antigas pareciam sob aspecto diverso, revestiam caráter grave e elevado, simultaneamente científico e filosófico. Seu ensino era duplo: exterior e público de um lado, interior e secreto de outro, e, neste último caso, reservado somente aos iniciados. Conseguiu-se, não há muito, reconstituir esse ensino secreto, após pacientes estudos e numerosas descobertas epigráficas (1). Desde então, dissiparam-se a obscuridade e a confusão que reinavam nas questões religiosas; com a luz, fez-se a harmonia. Adquiriu-se a prova de que todos os ensinamentos religiosos do passado se ligam, porque, em sua base, se encontra uma só e mesma doutrina transmitida de idade em idade a uma série ininterrupta de sábios e pensadores.

Todas as grandes religiões tiveram duas faces, uma aparente, outra oculta. Está nesta o espírito, naquela a forma ou a letra. Debaixo do símbolo material, dissimula-se o sentido profundo. O Bramanismo, na Índia, o Hermetismo, no Egito, o Politeísmo grego, o próprio Cristianismo, em sua origem, apresentam esse duplo aspecto. Julgá-las pela face exterior e vulgar é o mesmo que apreciar o valor moral de um homem pelos trajos. Para conhecê-las, é preciso penetrar o pensamento íntimo que lhes inspira e motiva a existência; cumprir desprender do seio dos mitos e dogmas o princípio gerador que lhes comunica a força e a vida. Descobre-se, então, a doutrina única, superior, imutável, de que as religiões humanas não são mais que adaptações imperfeitas e transitórias, proporcionadas às necessidades dos tempos e dos meios.

Em nossa época, muitos fazem uma concepção do Universo, uma idéia da verdade, absolutamente exterior e material. A ciência moderna, em suas investigações,

tem-se limitado a acumular o maior número de fatos, e, depois, a deduzir daí as suas leis. Obteve, assim, maravilhosos resultados, porém, por tal preço, ficar-lhe-á sempre inacessível o conhecimento dos princípios superiores e das causas primitivas. As próprias causas secundárias escapam-lhe. O domínio invisível da vida é mais vasto do que aquele que é atingido pelos nossos sentidos: lá reinam essas causas de que somente vemos os efeitos.

Na antiguidade tinham outra maneira de ver, e um proceder muito diferente. Os sábios do Oriente e da Grécia não desdenhavam observar a natureza exterior, porém era sobretudo no estudo da alma, de suas potências íntimas, que descobriam os princípios eternos. Para eles, a alma era como um livro em que se inscrevem, em caracteres misteriosos, todas as realidades e todas as leis. Pela concentração de suas faculdades, pelo estudo profundo e mediativo de si mesmos, elevaram-se até à Causa sem causa, até ao princípio de que derivam os seres e as coisas. As leis inatas da inteligências explicavam-lhes a harmonia e a ordem da Natureza, assim como o estudo da alma lhes dava a chave dos problemas da vida.

A alma, acreditavam, colocada entre dois mundos, o visível e o oculto, o material e o espiritual, observando-os, penetrando em ambos, é o instrumento supremo do conhecimento. Conforme seu grau de adiantamento ou de pureza, reflete, com maior ou menor intensidade, os raios do foco divino. A razão e a consciência não só guiam nossa apreciação e nossos atos, mas também são os mais seguros meios para adquirir-se e possuir-se a verdade. (...) (1)

A Civilização Egípcia

Os Egípcios

Dentre os Espíritos degredados na Terra, os que constituíram a civilização egípcia foram os que mais destacavam na prática do Bem e no culto da Verdade.

Aliás, importa considerar que eram eles os que menos débitos possuíam perante o tribunal da Justiça Divina. Em razão dos seus elevados patrimônios morais, guardaram no íntimo uma lembrança mais viva das experiências de sua pátria distante. Um único desejo os animava, que era trabalhar devotadamente para regressar, um dia, aos seus penates resplandecentes. Uma saudade torturante do céu foi a base de todas as suas organizações religiosas. Em nenhuma civilização da Terra o culto da morte foi tão altamente desenvolvido. Em todos os corações morava a ansiedade de voltar ao orbe distante, ao qual se sentiam presos pelos mais santos afetos. Foi por esse motivo que, representando uma das mais belas e adiantadas civilizações de todos os tempos, as expressões do antigo Egito desapareceram para sempre do plano tangível do planeta. Depois de perpetuarem nas Pirâmides os seus avançados conhecimentos, todos os Espíritos daquela região africana regressaram à pátria sideral.

A Ciência Secreta

Em virtude das circunstâncias mencionadas, os egípcios traziam consigo uma ciência que a evolução da época não comportava.

Aqueles grandes mestres da antiguidade foram, então, compelidos a recolher o acervo de suas tradições e de suas lembranças no ambiente reservado dos templos,

mediante os mais terríveis compromissos dos iniciados nos seus mistérios. Os conhecimentos profundos ficaram circunscritos ao círculo dos mais graduados sacerdotes da época, observando-se o máximo cuidado no problema da iniciação.

A própria Grécia, que aí buscou a alma de suas concepções cheias de poesia e de beleza, através da iniciativa dos seus filhos mais eminentes, no passado longínquo, não recebeu toda a verdade das ciências misteriosas. Tanto é assim, que as iniciações no Egito se revestiam de experiências terríveis para o candidato à ciência da vida e da morte — fatos esses que, entre os gregos, eram motivo de festas inesquecíveis.

Os sábios egípcios conheciam perfeitamente a inoportunidade das grandes revelações espirituais naquela fase do progresso terrestre; chegando de um mundo de cujas lutas, na oficina do aperfeiçoamento, haviam guardado as mais vivas recordações, os sacerdotes mais eminentes conheciam o roteiro que a Humanidade terrestre teria de realizar. Aí residem os mistérios iniciáticos e a essencial importância que lhes era atribuída no ambiente dos sábios daquele tempo.

O Politeísmo Simbólico

Nos círculos esotéricos, onde pontificava a palavra esclarecida dos grandes mestres de então, sabia-se da existência do Deus Único e Absoluto, Pai de todas as criaturas e Providência de todos os seres, mas os sacerdotes conheciam, igualmente, a função dos Espíritos prepostos de Jesus, na execução de todas as leis físicas e sociais da existência planetária, em virtude das suas experiências pregressas.

Desse ambiente reservado de ensinamentos ocultos, partiu, então, a idéia politeísta dos numerosos deuses, que seriam os senhores da Terra e do Céu, do Homem e da Natureza.

As massas requeriam esse politeísmo simbólico, nas grandes festividades exteriores da religião.

Já os sacerdotes da época conheciam essa fraqueza das almas jovens, de todos os tempos, satisfazendo-as com as expressões exotéricas de suas lições sublimadas.

Dessa idéia de homenagear as forças invisíveis que controlam os fenômenos naturais, classificando-as para o espírito das massas, na categoria dos deuses, é que nasceu a mitologia da Grécia, ao perfume das árvores e ao som das flautas dos pastores, em contacto permanente com a Natureza. (3)

A Índia

A Organização Hindu

Dos Espíritos degredados no ambiente da Terra, os que se gruparam nas margens do Ganges foram os primeiros a formar os pródromos de uma sociedade organizada, cujos núcleos representariam a grande percentagem de ascendentes das coletividades do porvir.

As organizações hindus são de origem anterior à própria civilização egípcia e antecederam de muito os agrupamentos israelitas, de onde saíram mais tarde personalidades notáveis, como as de Abraão e Moisés.

As almas exiladas naquela parte do Oriente muito haviam recebido da misericórdia do Cristo, de cuja palavra de amor e de cuja figura luminosa guardaram as mais

comovedoras recordações, trazidas na beleza dos Vedas e dos Upanishads. Foram elas as primeiras vozes da filosofia e da religião no mundo terrestre, como provindo de uma raça de profetas, de mestres e iniciados, em cujas tradições iam beber a verdade os homens e os povos do porvir, salientando-se que também as suas escolas de pensamento guardavam os mistérios iniciáticos, com as mais sagradas tradições de respeito. (4)

Os Mahatmas

Da região sagrada do Ganges partiram todos os elementos irrequietos com a situação humilhante que o degredo da Terra lhes infligia. As arriscadas aventuras forneciam uma noção de vida nova e aqueles seres revoltados supunham encontrar o esquecimento de sua posição nas paisagens renovadas dos caminhos; lá ficaram, apenas, as almas resignadas e crentes nos poderes espirituais que as conduziriam de novo às magnificências dos seus paraísos perdidos e distantes.

Os cânticos dos Vedas são bem uma glorificação da fé e da esperança, em face da Majestade Suprema do Senhor do Universo. A faculdade de tolerar, e esperar, aflorou no sentimento coletivo das multidões, que suportaram heroicamente todas as dores e aguardaram o momento sublime da redenção. Os "mahatmas" criaram um ambiente de tamanha grandeza espiritual para o seu povo, que, ainda hoje, nenhum estrangeiro visita a terra sagrada da Índia sem de lá trazer as mais profundas impressões acerca de sua atmosfera psíquica. Eles deixaram também, ao mundo, as suas mensagens de amor, de esperança e de estoicismo resignado, salientando-se que quase todos os grandes vultos do passado humano, progenitores do pensamento contemporâneo, deles aprenderam as lições mais sublimes. (5)

A Cristalização das Idéias Chinesas

A cristalização das idéias chinesas advém, simplesmente, desse insulamento voluntário que prejudicou, nas mesmas circunstâncias, o espírito da Índia, apesar da fascinante beleza das suas tradições e dos seus ensinamentos.

É que a civilização e o progresso, como a própria vida, dependem das trocas incessantes. O Universo, na sua constituição maravilhosa, não criou nem sanciona leis de isolamento na comunidade eterna dos mundos e dos seres. A existência é uma longa escada, na qual todas as almas devem dar-se as mãos, na subida para o conhecimento e para Deus. Enquanto a família indo-européia pervagava no desconhecido, assimilando as expressões das tribos encontradas — em longas iniciativas de construção e trabalho —, os arianos da Índia estacionaram no repouso de suas tradições, desenvolvendo-se, no curso do tempo, as mais prestigiosas lições de experiência para a alma dos povos. E agora, quando os israelitas são chamados por forças poderosas ao deslocamento no seio das nações, a fim de aprenderem mais intimamente a doce lição da fraternidade e do amor universal, renovando a fibra da sua fé a caminho da perfeita compreensão do Cristo, a China é também convocada, pelas transformações do século, à grande lição do entrelaçamento da comunidade planetária, a fim de ensinar as suas virtudes e aprender as virtudes dos outros povos.

Foi pela sua obstinada resistência que a idéia chinesa estagnou-se na marcha do tempo, embora, nestas desprezíveis observações, sejamos dos primeiros a reconhecer a grandeza de suas elevadas expressões espirituais. (6)

FO-HI

Jesus, na sua proteção e na sua misericórdia, desde os tempos mais distantes enviou missionários àqueles agrupamentos de criaturas que se organizavam, econômica e politicamente, entre as coletividades primárias da Terra.

As raças adâmicas ainda não haviam chegado ao orbe terrestre e entre aqueles povos já se ouviam grandes ensinamentos do plano espiritual, de sumo interesse para a direção e solução de todos os problemas da vida.

A História não vos fala de outros, antes do grande Fo-Hi, que foi o compilador de suas ciências religiosas, nos seus trigramas duplos, que passaram do pretérito remotíssimo aos estudos da posteridade.

Fo-Hi refere-se, no seu 'Y-King', aos grandes sábios que o antecederam no penoso caminho das aquisições de conhecimento espiritual. Seus símbolos representam os característicos de uma ciência altamente evolutiva, revelando ensinamentos de grande pureza e da mais avançada metafísica.

Em seguida a esse grande missionário do povo chinês, o Divino Mestre envia-lhe a palavra de Confúcio ou Kong-Fo-Tsé, cinco séculos antes da sua vinda, preparando os caminhos do Evangelho no mundo, tal como procedera com a Grécia, Roma e outros centros adiantados do planeta, enviando-lhes elevados Espíritos da ciência, da religião e da filosofia, algum tempo antes da sua palavra mirífica, a fim de que a Humanidade estivesse preparada para a aceitação dos seus ensinamentos.

Confúcio e Lao-Tsé

Confúcio, na qualidade de missionário do Cristo, teve de saturar-se de todas as tradições chinesas, aceitar as circunstâncias imperiosas do meio, de modo a beneficiar o país na medida de suas possibilidades de compreensão. Ele faz ressurgir os ensinamentos de Lao-Tsé, que fora, por sua vez, um elevado mensageiro do Senhor para as raças amarelas. Suas lições estão cheias do perfume de requintada sabedoria moral. No 'Kan-Ing', de Lao-Tsé, eis algumas de suas afirmações que nada ficam a dever aos vossos conhecimentos e exposições do moderno pensamento religioso: — 'O Senhor dos Céus é bom e generoso, e o homem sábio é um pouco de suas manifestações. Na estrada da inspiração, eles caminham juntos e o sábio lhe recebe as idéias, que enchem a vida de alegria e de bens.'

Lao-Tsé, de cujos ensinamentos Confúcio fez questão de formar a base dos seus princípios, viveu seis séculos antes do advento do Senhor, e, em face dessa filosofia religiosa, avançada e superior, somos obrigados a reconhecer a prodigalidade da misericórdia de Jesus, enviando os seus porta-vozes a todos os pontos da Terra, com o objetivo de fazer desabrochar no espírito das massas a melhor compreensão do seu Evangelho de Verdade e de Amor, que o mundo, entretanto, ainda não compreendeu, não obstante todos os seus sacrifícios. (6)

As Grandes religiões do passado As Primeiras Organizações Religiosas

As primeiras organizações religiosas da Terra tiveram, naturalmente, sua origem entre os povos primitivos do Oriente, aos quais enviava Jesus, periodicamente, os seus

mensageiros e missionários.

Dada a ausência da escrita, naquelas épocas longínquas, todas as tradições se transmitiam de geração e geração através do mecanismo das palavras. Todavia, com a cooperação dos degradados do sistema da Capela, os rudimentos das artes gráficas receberam os primeiros impulsos, começando a florescer uma nova era de conhecimento espiritual, no campo das concepções religiosas.

Os Vedas, que contam mais de seis mil anos, já nos falam da sabedoria dos 'Sastras', ou grandes mestres das ciências hindus, que os antecederam de mais ou menos dois milênios, nas margens dos rios sagrados da Índia. Vê-se, pois, que a idéia religiosa nasceu com a própria Humanidade, constituindo o alicerce de todos os seus esforços e realizações no plano terráqueo. (7)

A Gênese das Crenças Religiosas

A gênese de todas as religiões da Humanidade tem suas origens no seu coração augusto e misericordioso. Não queremos, com as nossas exposições, divinizar, dogmaticamente, a figura luminosa do Cristo, e sim esclarecer a sua gloriosa ascendência na direção do orbe terrestre, considerada a circunstância de que cada mundo, como cada família, tem seu chefe supremo, ante a justiça e a sabedoria do Criador.

Fora erro crasso julgar como bárbaros e pagãos os povos terrestres que ainda não conhecem diretamente as lições sublimes do seu Evangelho de redenção, porquanto a sua desvelada assistência acompanhou, como acompanha a todo tempo, a evolução das criaturas em todas as latitudes do orbe. A história da China, da Pérsia, do Egito, da Índia, dos árabes, dos israelitas, dos celtas, dos gregos e dos romanos está alumada pela luz dos seus poderosos emissários. E muitos deles tão bem se houveram, no cumprimento dos seus grandes e abençoados deveres, que foram havidos como sendo Ele próprio, em reencarnações sucessivas e periódicas do seu divinizado amor. No Manava-Darma, encontramos a lição do Cristo; na China encontramos Fo-Hi, Lao-Tsé, Confúcio; nas crenças do Tibete, está a personalidade de Buda e no Pentateuco encontramos Moisés; no Alcorão vemos Maomet. Cada raça recebeu os seus instrutores, como se fosse Ele mesmo, chegando das resplandecências de sua glória divina.

Todas elas, conhecendo intuitivamente a palavra das profecias, arquivaram a história dos seus enviados, nos moldes de sua vinda futura, em virtude das lembranças latentes que guardavam no coração, acerca da sua palavra nos espaços, tocada de esclarecimento e de amor. (7)

BIBLIOGRAFIA

1. DENIS, Léon. Crenças e Negações. *Depois da Morte*. Trad. de João Lourenço de Souza. 21. ed. Rio de Janeiro, FEB, 2000. p. 19-21.
2. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1998. Perg. 148, comentário, p. 109-110.
3. XAVIER, Francisco Cândido. Civilização Egípcia. *A Caminho da Luz*. 26. ed. Rio de Janeiro, FEB, 2001. p. 41 a 44.
4. _____. A Índia. p. 49-50.
5. _____. Os Mahatmas. p. 51-52.
6. _____. A China Milenária. p. 74-77.
7. _____. As Grandes religiões do passado. p. 83-84.

ANEXO 2

V UNIDADE: O ESPIRITISMO
1º CICLO DE JUVENTUDE
PLANO DE AULA Nº. 2
SUBSÍDIOS PARA O EVANGELIZADOR

Jornal Falado

Objetivo Geral: Desenvolver a expressão oral, o raciocínio, o espírito de cooperação e socialização.

Objetivo Instrucional: Sintetizar idéias e fatos, e transmiti-los com pronúncia adequada e correta.

Formação dos alunos: em grupos.

Funcionamento: Os alunos divididos em grupos pesquisam nos livros textos citados na bibliografia ou no anexo 3, os assuntos estabelecidos para a apresentação. Em seguida, em grupos, sintetizam as principais idéias e através do "jornal falado" comunicam essas idéias, em forma de notícias à classe. Devem comunicar de maneira clara, correta e adequada.

Regras:

1. Terão um tempo determinado para elaborar as notícias e outro para apresentação.
2. A forma de apresentação fica à imaginação dos alunos.

Avaliação: O professor deverá observar o desempenho e atuação dos elementos na apresentação.

Obs.: esta técnica pode ser usada também para analisar idéias e fatos.

ANEXO 3

V UNIDADE: O ESPIRITISMO
1º CICLO DE JUVENTUDE
PLANO DE AULA Nº. 2
SUBSÍDIOS PARA O EVANGELIZANDO

O Egito

Ainda há dúvidas entre os historiadores a respeito da origem do conhecimento espiritualista dos egípcios. Querem alguns que eles o tenham aprendido com os hindus, outros pretendem que traziam consigo suas próprias tradições. Entretanto, o que interessa é que há pontos comuns entre as crenças hindus e egípcias e que estes últimos cultivavam requintadamente a arte da iniciação secreta. Só aos iniciados eram revelados os verdadeiros esclarecimentos. O povo conhecia a religião através de cultos e ritos materiais que os sacerdotes ensinavam e cultivam entre as massas, por não julgá-las dignas de os receberem integralmente.

Os princípios da religião egípcia estão contidos nos livros de Hermes Trimegisto (três vezes sábio), porque acreditava-se que conhecia os princípios, as causas e os efeitos das coisas. Vejamos esse trecho do Pimander, uma de suas obras, extraído de *Depois da Morte*, Léon, cap. I, item III:

(...) A luz que vistes é a Inteligência Divina que contém todas as coisas sob seu poder e encerra os moldes de todos os seres. (...) Deus é Pai (...).

O destino do Espírito humano tem duas fases: cativo na matéria, ascensão para a luz. As almas são filhas do céu, e a viagem que fazem é uma prova (...).

As almas inferiores e más ficam presas à Terra por múltiplos renascimentos, porém as almas virtuosas sobem voando para as esferas superiores, onde recobram a vista das coisas divinas. (...) (1)

Os egípcios acreditavam na sobrevivência, no julgamento das almas após a morte. Nesse julgamento, o coração do réu era pesado na balança de Osíris, um dos principais deuses do culto popular, e suas virtudes e vícios eram verificados, para que se determinassem seus castigos e recompensas. Para amedrontar e manter a disciplina do povo, os sacerdotes ensinavam que a alma criminosa poderia voltar à Terra num corpo animal (mentempsicose), mas os iniciados sabiam que isso era impossível e conheciam as leis que regem a reencarnação.

A Grécia

Os gregos, são conhecidos, desde todos os tempos, como filósofos, os pensadores por excelência, e também cultivavam, como outros povos, idéias espiritualistas. Alguns dos principais filósofos, como Pitágoras e Platão, eram iniciados e partilhavam a doutrina secreta, que os impedia de fornecer ao povo as explicações claras a respeito de Deus, da natureza da alma e de seu destino, pois os iniciados eram proibidos de revelar os ensinamentos recebidos nos templos de iniciação. Mesmo assim, o povo cultivava as figuras dos deuses, que, embora profundamente humanos, interferiam na vida das criaturas, recompensavam e castigavam. Acreditavam no inferno, mas não com o sentido que hoje se lhe dá: era uma região localizada nas profundezas da terra, à qual se chegava após a morte atravessando um rio, numa barca dirigida por Caronte, o

barqueiro infernal. Hades, o deus dos infernos, decidia o que fazer com as almas que ali chegavam.

Observemos alguns trechos dos hinos estudados pelos iniciados gregos que Léon Denis cita em seu *Depois da Morte*, cap. I, item IV:

(...) Escuta, escuta as verdades que convém ocultar à multidão, e que fazem a força dos santuários. Deus é um, e sempre semelhante a si mesmo; porém os Deuses são inumeráveis e diversos, porque a divindade é eterna e infinita (...)

Amai, porque tudo ama, porém, a luz, e não as trevas. Durante a vossa viagem tende sempre em mira este alvo. Quando as almas voltam ao espaço, trazem, como hediondas manchas, todas as faltas de sua vida estampadas no corpo etéreo... E, para apagá-las, cumpre que espiem e voltem à Terra. Entretanto, os puros, os fortes, vão para o sol de Dionisios (...) (3)

Sócrates, é a maior figura do pensamento grego e, como ensinava por conta própria, sem prender-se aos ritos da iniciação, falava claramente a seus discípulos sobre a pré-existência e a sobrevivência da alma, seu destino após a morte, sobre a natureza de Deus, sua justiça, bem como do cultivo das virtudes e da exterminação dos vícios.

Como seus ensinamentos contrariavam a doutrina politeísta e atacavam os privilégios da classe sacerdotal, Sócrates foi perseguido por políticos e religiosos que não viam com bons olhos sua influência sobre os discípulos, em sua maioria jovens, e foi condenado à morte por envenenamento. Eis suas últimas palavras aos juizes que o condenaram:

De duas uma: ou a morte é uma destruição absoluta, ou é passagem da alma para outro lugar. Se tudo tem que extinguir-se, a morte será como uma dessas raras noites que passamos sem sonho e sem nenhuma consciência de nós mesmos. Todavia, se a morte é apenas uma mudança de morada, a passagem para o lugar onde os mortos se têm de reunir, que felicidade a de encontramos lá aqueles a quem conhecemos! O meu maior prazer seria examinar de perto os habitantes dessa outra morada e de distinguir lá, como aqui, os que são dignos dos que se julgam tais e não os são. (...) (4)

A Índia

Dissemos que a doutrina secreta achava-se no fundo de todas as religiões e nos livros sagrados de todos os povos. De onde veio ela? Qual a sua origem? Quais os homens que a conceberam e fizeram depois a sua descrição? As mais antigas escrituras são as que resplandecem nos céus. (3)

Esses mundos estelares que, através das noites calma, deixam cair serenas claridades, constituem as escrituras eternas e divinas de que fala Dupuis. Os homens têm-nas, sem dúvida, consultado antes de escrever; mas os primeiros livros em que se encontra exposta a grande doutrina são os Vedas. É o molde em que se formou a religião primitiva da Índia, religião inteiramente patriarcal, simples e pura, como uma existência desprovida de paixões, passando vida tranqüila e forte ao contacto da natureza esplêndida do Oriente. (4)

(3) Os signos do Zodíaco.

(4) A idade dos Vedas ainda não pôde ser fixada. Souryo-Shiddanto, astrônomo hindu, cujas observações sobre a posição e percurso das estrelas remonta a cinquenta e oito mil anos, fala dos Vedas como obras já veneráveis pela sua antiguidade. (De "O Espiritismo ou Faquirismo Ocidental", pelo Dr. Paul Gibier, cap. V.)

Os hinos védicos igualam em grandeza e elevação moral a tudo o que, no decorrer dos tempos, o sentimento poético engendrou de mais belo. Celebram Agni, o fogo, símbolo do Eterno Masculino ou Espírito Criador; Sorna, o licor do sacrifício, símbolo do Eterno Feminino, Alma do Mundo, substância etérea. Em sua união perfeita, esses dos princípios do Universo constituem o Ser Supremo, Zians ou Deus.

O Ser Supremo imola-se a si próprio e divide-se para produzir a vida universal. Assim, o mundo e os seres saídos de Deus voltam a Deus por uma evolução constante. Daí a teoria da queda e da reascensão das almas que se encontra no Oriente. Ao sacrifício do fogo resume-se todo o culto védico. (2)

Os Povos Primitivos da América

Mesmo entre os povos considerados selvagens e primitivos, como os incas, astecas, maias e todas as espécies indígenas, as idéias espiritualistas existiam e ainda existem, provando que a preocupação com o material, com o divino, é ponto comum a todas as civilizações. Observemos o resumo sobre cada um deles:

Astecas: viviam no México. Acreditavam na existência de um deus-chefe, simbolizado pelo sol, e de outros deuses auxiliares que controlavam a natureza e as vidas humanas. Meditavam sobre a vida além-túmulo e se preparavam para o juízo final, após a morte, pois os bons iriam para o reino da lua e os maus para um lugar de trevas.

Maias: habitavam a América Central. Acreditavam em vários deuses e que os sacrifícios a eles concedidos seriam capazes de comovê-los e fazê-los conceder-lhes favores e privilégios a quem se lhe mostrasse fiel.

Incas: Tinham o mesmo código religioso dos astecas.

Os indígenas em geral: Admitem como divindades elementos naturais como o sol, a lua, os ventos. Cultuam os antepassados, têm feiticeiros encarregados de manter contato com os seres invisíveis, crêem que os espíritos, depois da morte, são postos a serviços dos deuses a quem mais serviram durante a vida e auxiliam a manutenção do equilíbrio da natureza. (5)

Bibliografia

1. DENIS, León. *O Egito. Depois da Morte*. Trad. de João Lourenço de Souza. 21. ed. Rio de Janeiro, FEB, 2000. p. 41.
2. _____. *A Índia. Depois da Morte*. Trad. de João Lourenço de Souza. 21. ed. Rio de Janeiro, FEB, 2000. p. 28-29.
3. _____. *A Grécia. Depois da Morte*. Trad. de João Lourenço de Souza. 21. ed. Rio de Janeiro, FEB, 2000. p. 47-49.
4. KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Trad. de Guillon Ribeiro, 116. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1999. Introdução, item 11, p. 48.
5. SOUZA, Osvaldo Rodrigues de. *História Geral*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1973, cap. 5, item 9.